

Até mesmo o seu criador tentou matá-lo, mas o detetive de Baker Street continua bem vivo, fazendo com que os seus admiradores, no mundo inteiro, se recusem a distinguir entre a realidade e a ficção

A Vida Póstuma de Sherlock Holmes

PETER BROWNE

«**A** Í VEM mais um», disse o Comissário Alfred Blythe, enquanto observávamos um turista, de máquina a tiracolo, subindo a Baker Street, em Londres, com a cabeça inclinada para ver os números das portas. Do lado de fora do grande edifício de escritórios, onde Blythe fica sentado à sua escrivaninha, no saguão, o turista parou, visivelmente perplexo, antes de entrar timidamente e pedir auxílio: «Estou tentando localizar a casa de Sherlock Holmes, no 221-B.»

Pela décima segunda vez, naquele dia, Blythe explicou que a Abbey National Building Society, compreendendo os prédios de números 219 a 233, já se ergue há muitos anos no local onde Holmes, ao que se supõe, partilhava seus aposentos

com o Dr. Watson. O turista pareceu decepcionado. «Diga-me», indagou ele. «Sherlock foi um detetive *de verdade*?»

Todos os anos, durante o verão, milhares de turistas seguem, cheios de esperança, a pista que os leva até o n.º 221-B, e fazem a mesma pergunta. Suas assinaturas, no livro de visitantes guardado por Alfred Blythe, demonstram que, somente em agosto de 1972, acorreram visitantes do Canadá, Estados Unidos, União Soviética, Japão, França, Espanha, Suécia, Índia, Itália, Brasil e Dinamarca. Alguns pareciam convencidos de que Sherlock Holmes não só era uma pessoa de verdade, mas que ainda continuava trabalhando.

Existem muitas pessoas, em todo o mundo, que compartilham da

mesma crença. Todas as semanas, é entregue à Abbey National um pacote de cartas endereçadas a Sherlock, no n.º 221-B, cartas essas que são devidamente respondidas, com uma cortesia não comprometedora: «Informamos a V. S.^a que o Sr. Holmes teve de desocupar seus aposentos, e infelizmente ignoramos o seu paradeiro atual.»

Da Polônia, um jovem pede o autógrafo de Holmes; o presidente de um clube em Toronto convida Holmes para ser o conferencista de honra, num jantar. Até mesmo aqueles que deviam saber que, se Holmes fosse vivo, teria hoje pelo menos 118 anos, continuam apegados à ilusão. «Talvez V. S.^a se pergunte por que razão uma estudante sensata e perfeitamente normal quer escrever ao senhor», disse, em carta, uma adolescente londrina. «É que, para mim, o senhor é imortal.»

A situação sempre foi assim, desde a época em que a primeira aventura de Sherlock Holmes (*Um Estudo em Vermelho*) foi publicado no *Beeton's Christmas Annual*, em 1887. Tão vivo era o retrato de Holmes, descrito por Sir Arthur Conan Doyle, que, quase de imediato, o autor começou a receber cartas implorando-lhe que pusesse os signatários «em contato com o Sr. Holmes», a fim de que este esclarecesse um problema qualquer em seus assuntos particulares.

Entre 1891 e 1927, à medida que se iam publicando cada uma das 59 histórias consecutivas de Holmes



(todas, excepto duas, na revista *Strand*), tornavam-se cada vez mais firmemente gravadas na imaginação do público as feições aquilinas e a figura magra, apresentadas nas ilustrações de Sidney Paget; e cada vez mais real parecia o gênio do detetive que sabia deduzir que um crime fora cometido por um homem alto e canhoto, que mancava, fumava charutos indianos, calçava botas de caçador e levava no bolso um canivete cego.

Mas Conan Doyle, que gostava muito mais de escrever romances históricos, como *A Companhia Branca*, para o qual fizera pesquisas exaustivas, começou a considerar a insaciável procura popular de aventuras de Holmes como um encargo intolerável. Em 1893, Doyle terminou de escrever *O Problema Final*, (obra em que o autor fez Sherlock e o Professor Moriarty, o Napoleão



do Crime, se precipitarem pelas Quedas de Reichenbach, na Suíça) e anotou, com alívio, em seu diário: «Matei Holmes.»

A reação do público deixou-o estupefato. Austeros negociantes da City passaram a usar fumos de luto em suas cartolas de seda. Em

Chicago, Boston e São Francisco, surgiram clubes com a legenda «Mantenha Holmes Vivo». Um leitor iniciou assim sua carta de protesto: «Seu Monstro!» Como se pode compreender, o editor da revista *Strand* sofria tanto quanto seus leitores e acionistas, descrevendo a morte de Holmes como «um acontecimento trágico».

Conan Doyle manteve-se intransigente durante oito anos, mas depois cedeu, e ressuscitou Holmes, na mais famosa de todas as histórias, *O Cão dos Baskervilles*. Enquanto um caso se seguia a outro, a circulação da revista *Strand* aumentava em trinta mil exemplares, e os londrinos, impacientes, formavam filas para comprar a revista diretamente da gráfica. As aventuras brotavam

com tanta facilidade da imaginação de Conan Doyle, que ele escreveu a maior parte de uma delas sentado no assoalho do pavilhão do Lord's, certa tarde, quando uma pancada de chuva interrompeu um jogo de críquete.

E, desde então, Holmes continua vivo. Os volumes de histórias que descrevem seus casos já venderam o que se avalia em cem milhões de exemplares, em 41 idiomas, do esquimó ao esperanto, e estão sendo constantemente reimpressos. Podem ser lidos em braille e em taquigrafia; são adotados num curso de inglês espalhado pela Europa e foram, em certa época, distribuídos aos policiais egípcios como parte do seu treinamento. O nome de Holmes entrou para a linguagem da América Latina, onde, nos países de língua espanhola, as deduções inteligentes são conhecidas como «sherlockhólimitos»; em língua portuguesa, existe o adjetivo «sherloquiano».

Há muito tempo o criminalista de Baker Street transpôs os limites da página impressa, pois Holmes é uma figura irresistível para os atores teatrais. Foi em 1903 que o detetive apareceu pela primeira vez numa tela de cinema, em *Sherlock Holmes Desconcertado*. O número de filmes se eleva hoje a perto de 150 — sendo que o mais recente, *A Vida Íntima de Sherlock Holmes*, data de 1969. John Barrymore, Clive Brook e Raymond Massey foram intérpretes do grande detetive. Mas foi o

sardônico Basil Rathbone, que figurou em quatorze filmes, entre 1939 e 1946, quem mais se aproximou do original, e quem, mais do que qualquer outro ator, era Holmes para as platéias do mundo inteiro.

Cerca de trinta peças teatrais já foram apresentadas, e, entre elas, um musical na Broadway, intitulado *Baker Street*, anunciado em Nova York com cartazes que proclamavam: «Ele ensinou James Bond a fazer tudo.» Embora ainda esteja para aparecer um «Sherlock no Gelo», ele já foi visto num bailado do Sadler's Wells, e seus casos são constantemente adaptados para a rádio e televisão. Na União Soviética, Sherlock é reverenciado como «o exterminador de crimes e males, um modelo de força e de cultura magníficas». Uma recente produção soviética apresentava Holmes e Watson, fiéis leitores do *Times*, lendo o jornal comunista *Estrela da Manhã*.

Na Escandinávia, Holanda, África do Sul, Austrália e Japão, florescem os clubes dedicados a estudos profundos dos casos de Holmes. Entre os quinhentos sócios da *Sherlock Holmes Society of London* («um grupo eminentemente biruta», segundo um dos membros), encontram-se engenheiros, cientistas, médicos, estudantes, padres, jornalistas, vários professores universitários, um barão, um marquês, um vice-marechal-dor... e a filha de Conan Doyle. No *Baker Street Irregulars*, de Nova York, o quadro de sócios conta hoje com seiscentos, e tem mais

de trinta grupos afiliados, espalhados pelos Estados Unidos e Canadá, desde o *Speckled Band* de Boston, até os *Scholars of San Francisco*.

Os sherloquianos, conforme eles próprios se denominam, operam partindo da agradável premissa de que as histórias de Holmes são registros verdadeiros, mas por vezes incompletos, de seus casos, compilados pelo narrador, Dr. John H. Watson, ex-integrante do Departamento Médico do Exército Britânico. Dorothy Sayers, autora de romances policiais, assim definiu as regras básicas do jogo: «Ele deve ser jogado com a mesma solenidade de um torneio municipal de críquete no Lord's. O menor toque de extravagância ou de brincadeira destrói a atmosfera.»

Como Watson era um tanto lento para entender as coisas, e um modelo de descrição vitoriana, as histórias de Holmes são crivadas de discrepâncias, o que fornece um campo rico para o trabalho de investigação literária. Os sherloquianos há muito concluíram que, na verdade, Holmes nunca disse: «Elementar, meu caro Watson»; nunca fumou cachimbo curvo, nem usou o *deerstalker*, aquele boné de viagem com abas móveis para tapar as orelhas.

Hoje, as páginas das bem impressas revistas da *Sherlock Holmes Society* e do *Baker Street Irregulars* se dedicam a assuntos mais esotéricos. Do Japão, vem um tratado sobre o uso que Holmes fazia da cocaína. Seu conhecimento de

diamantes é esmiuçado por um físico da Alemanha. Um respeitável cirurgião de Londres analisa seriamente o estado de saúde de Watson: «Uma deficiência de vitamina A, tendo como consequência a cegueira noturna, torna-se aparente em *A Faixa Sarapintada*. Nesta obra, num quarto escuro, Holmes conseguia ver claramente uma cobra descendo pelo cordão da campainha, e investia contra ela com sua bengala. «Mas eu nada vi», escreveu Watson.

Os sherloquianos procuram pistas com um zelo digno do seu herói. Norman Crump, então redator do *Sunday Times*, certo dia, fez uma viagem perigosa, a pé, ao longo das pistas do metrô, em Inner Circle, perto de Aldgate, a fim de verificar se um trem levando em seu teto um cadáver (episódio de *Os Planos de Bruce-Partington*) viajava, no momento, no sentido dos ponteiros do relógio, ou no sentido oposto. Para fixar a data precisa de *A Coroa de Berilos*, obra em que as pegadas na neve têm papel importante, o autor Gavin Brend foi consultar os arquivos da Real Sociedade Meteorológica.

De ambos os lados do Atlântico, os sherloquianos organizam seu jantar anual em janeiro, mês no qual as pesquisas fixam o aniversário de Holmes. Em Londres, o brinde é sempre este: «A Memória Imortal.» Sabe-se de ocasiões em que os *Irregulars* de Nova York chegaram ao jantar de fiacre; o martelo do presidente é feito de

um pedaço da porta de uma casa em Baker Street. A sociedade londrina janta no Hotel Charing Cross, que possui várias vinculações com Holmes — por exemplo, no seu saguão, um rufião certa vez arrancou a murros um canino esquerdo de Sherlock. Os menus, naturalmente, são impressos em tipo Baskerville.

Os entusiastas mais extrovertidos, às vezes, se vestem como os personagens das histórias: o acontecimento mais deliciosamente béruta dos últimos anos foi a peregrinação, seguindo os passos de Holmes, que levou quarenta sherloquianos ingleses e americanos, adequadamente vestidos e ostentando costeletas, até a Suíça, em 1968. O ponto alto da excursão ocorreu à beira das Quedas de Reichenbach, quando Lord Gore-Booth, então presidente da *Sherlock Holmes Society* (e até recentemente chefe do Ministério do Exterior) tomou a si o papel de Holmes. Repetiu a encenação da famosa luta contra Moriarty (este último representado por um ilustre Conselheiro da Rainha) antes de inaugurar uma placa com a seguinte inscrição: «Do outro lado deste *caldeirão horrível*, ocorreu o evento culminante da carreira de Sherlock Holmes, o maior detetive do mundo, quando, a 4 de maio de 1891, ele venceu o Professor Moriarty.»

Holmes chegou a receber a honra máxima de ter um *pub* (bar) batizado com o seu nome. O «Sherlock Holmes», perto de Trafalgar Square, contém uma reprodução fiel da

sala do detetive. Este aposento deve sua existência aos membros do Conselho de St. Marylebone, distrito que abrange Baker Street. Eles resolveram homenagear o seu morador mais ilustre, por meio de uma exposição, num local da Baker Street, durante o Festival da Grã-Bretanha, em 1951.

O bibliotecário de Marylebone, Jack Thorne, e o desenhista Michael Weight dedicaram-se a recriar o ambiente, com uma perfeição sherloquiana, e insistiram em que até mesmo a poeira encontrada no aposento fosse autenticamente vitoriana — meticulosamente colhida num sótão das proximidades, o qual, ao que se saiba, não era aberto desde a década de 1890. Os correios entraram na coisa, desencavando formulários de telegramas da época. A Scotland Yard, não podendo fornecer um molde em gesso das pegadas do *Cão dos Baskervilles*, fez um molde da pata do maior cão policial da corporação. Eram necessários *muffins* (bolinhos de trigo servidos quentes com manteiga) para a bandeja de chá de Holmes e Watson. Apesar de ser pleno verão, uma pastelaria especializada em *muffins* prontificou-se a fornecer uma quantidade desses bolinhos diariamente.

Cerca de 54 mil pessoas foram ver esse aposento. Quando ele foi transportado para Nova York, e exibido durante seis semanas, Thorne foi também. Lá, continuou a executar o seu primeiro dever de cada dia: dar uma mordida em cada

um dos bolinhos com manteiga, transmitindo cuidadosamente a impressão de que Holmes e Watson tinham acabado de sair, para tratar de um caso urgente. Está visto que o detalhe era rigorosamente respeitado: num dos bolinhos, a mordida voraz de um homem que está pensando em coisas mais elevadas; no outro, uma delicada incisão médica.

Sherlock continua e continuará a viver. A biblioteca pública de Marylebone Road recebe consultas freqüentes de pesquisadores, como as daquele estudante da Universidade do Arizona, que está escrevendo uma tese sobre Holmes para obter o diploma. O Conselho de Turismo de Londres vive pressionado para satisfazer a procura, por parte dos visitantes de outros países, de reproduções do *Guia Turístico da Londres de Sherlock Holmes*, livro que apareceu no número de inverno de 1970 do *Sherlock Holmes Journal*. («Viramos em Welbeck Street; na primeira esquina, acha-se Bentinck Street, onde fracassou o plano de Moriarty para eliminar Holmes...»)

A sucursal do *Baker Street Irregulars* em Tóquio mandou fazer uma placa,

para comemorar o encontro realizado no bar do Criterion, em Piccadilly, entre o Dr. Watson e o Dr. Stamford, que o apresentou a Holmes. Os sherloquianos dos Estados Unidos fizeram uma subscrição para instalar outra placa no Hospital St. Bartholomew, onde Holmes e Watson se encontraram pela primeira vez, no laboratório de patologia. E o mais convincente de tudo é a existência, perto de Baker Street, de uma pequena passagem, batizada em 1937, pelo London County Council, como *Sherlock Mews* (Cavalaria Sherlock).

Pensando bem, quase não nos surpreende que, durante uma pesquisa feita em 1970, se tenha verificado que quatro londrinos, entre cada dois mil entrevistados, se declararam convencidos de que Holmes estava realmente vivo. Para um sem-número de outros, ele nunca morreu. Conforme escreveu certa vez Vincent Starrett, grande sherloquiano: «Holmes e Watson ainda vivem, para todos os que os estimam, num cantinho romântico do coração, numa terra nostálgica do mundo maravilhoso da imaginação.»



Sinais de vida

ESCRITO no quadro de avisos de um hospital: «PRESTIGIE A CLÍNICA ORTOPÉDICA — VÁ ESQUIAR.»

— P. L. F.

NA SALA-DE-ESPERA do consultório de um obstetra: «Se ele chutar com força suficiente para derrubar a revista do seu colo, chame a enfermeira.»

— H. P.